

EFEITOS METAFÓRICOS NO DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Silvia Regina NUNES* (UNEMAT)

RESUMO: Discutem-se, neste trabalho, as relações entre discurso científico e discurso midiático textualizados sob a forma do Discurso de Divulgação Científica (DDC). Os conceitos de interdiscurso/intradiscurso e efeito metafórico (PÊCHEUX, 1997 e ORLANDI, 2001) são utilizados para análise de enunciados da revista SAÚDE. Percebe-se que a mídia utiliza um discurso que não só textualiza ou noticia, mas espetaculariza a informação científica (DEBORD, 2003). Compreende-se também que os efeitos metafóricos nos enunciados da revista SAÚDE acionam imagens, idéias e informações que são constituídas no/pelo interdiscurso, promovendo uma ressignificação dos sentidos do Discurso Científico no Discurso de Divulgação Científica.

Palavras-chave: Ciência. Mídia. Divulgação científica. Análise do discurso. Procedimentos discursivos.

ABSTRACT: The relationship between science and media discourses textualized in Science Diffusion Discourse (SDD) is debated. Headlines in the Brazilian magazine SAÚDE [Health] are analyzed by interdiscourse/intradiscourse concepts and metaphoric effect (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2001). It seems that the social media do not merely employ discourse to textualize or to disclose on but to speculate science information (DEBORD, 2003). It should be emphasized that the metaphoric effects in the headlines of the magazine SAÚDE trigger images, ideas and information that are formed in and by interdiscourse and enhance a re-signification of meaning of Science Discourse within the context of Science Diffusion Discourse.

Key words: science; media; science diffusion; Discourse Analysis; discourse proceedings.

1. Introdução

Segundo a literatura da área de comunicação, a mídia exerce uma influência muito forte sobre os estratos da sociedade, tanto sobre os sujeitos com menor acesso ao saber institucionalizado, mas que desenvolveram um saber cotidiano, de senso comum, quanto sobre os com acesso a um saber que se desenvolve nas esferas institucionalizadas (política, cultural e/ou acadêmica). Ela “influencia” aqueles que muitos costumam chamar de cultos e incultos, letrados e iletrados, professores e alunos, alfabetizados e analfabetos, políticos e não-políticos, pobres e ricos, entre outros exemplos corriqueiros. Nota-se essa “influência” através da produção ou organização de uma notícia ou publicidade, por exemplo, veiculadas pela mídia, principalmente pelo direcionamento ideológico constituído (formulado, textualizado) em sua linguagem.

Contudo, relacionando as mesmas implicações relatadas acima ao campo científico, percebe-se que o funcionamento se dá de forma díspar. Vejamos: a mídia influencia e cristaliza comportamentos (chegando a construir estereótipos e a legitimar valores) e veicula significados que, muitas vezes, só atendem sua necessidade capitalista (de mercado). Mesmo assim a humanidade sente-se “bem-informada” sobre a maioria dos assuntos.

Enquanto isso a ciência padece do que se pode chamar, numa paráfrase não muito feliz do “mal-do-século”, do mal-da-divulgação. Há uma divulgação que é sim realizada, porém não de forma a promover uma reflexão crítica sobre os conhecimentos científicos veiculados por seus textos, ou seja, esta divulgação só proporciona às pessoas uma informação básica, uma notícia¹ e não a possibilidade de ampliar conhecimentos e problematizá-los através da ciência. Segundo Duarte (*on-line*, 2003), num artigo escrito para a Associação Brasileira de Jornalismo Científico:

* Professora da UNEMAT – Universidade Estadual do Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT, e-mail: silviarnunes@hotmail.com

¹ Orlandi (2001a) afirma que a ciência é somente noticiada pela mídia e que isso reduz a possibilidade de constituição de conhecimentos.

Educar para a ciência não significa apenas ensinar a compreender quando falamos de ciência ou divulgar a última novidade saída dos laboratórios, mas ajudar a pensar cientificamente, interpretar as implicações dos avanços da ciência e tecnologia, imaginar como podem ajudar cada um a ter uma vida melhor. E comunicadores-educadores, neste caso, não seriam apenas jornalistas, relações-públicas, publicitários, mas também físicos, químicos, biólogos, agrônomos, engenheiros, dirigentes, técnicos – ou seja, todos aqueles comprometidos com os desafios que a sociedade impõe às instituições que atuam com ciência. (DUARTE, *on-line*, 2003)

Nesta direção, a reflexão sobre ciência e mídia e suas implicações para, sobre e na sociedade são muito pertinentes, pois cabe também aos estudiosos da linguagem refletir e explicitar como os discursos circulam, formulam-se, funcionam e quais os efeitos sociais disto.

É necessário, portanto, compreender como o discurso midiático realiza esta divulgação da ciência, ou melhor, como funciona a “textualização jornalística do discurso científico” (ORLANDI, 2001a: 151).

Cabe aqui uma explicação mais detalhada: meu objeto de estudo centra-se no discurso de divulgação científica (DDC) e na tensa relação entre ciência e mídia com a finalidade de compreender se há contribuição e/ou banalização do discurso científico quando textualizado por uma revista de divulgação científica². Ademais, interessa-me refletir sobre a instauração de sentidos pelo DDC a partir da constituição, formulação e divulgação do conhecimento através da mídia. Para isto, compactuo com Orlandi (2001a) que afirma que na reflexão sobre os efeitos da divulgação científica:

Temos três pressupostos para esta reflexão: 1. A produção de sentidos envolve três momentos inseparáveis: a constituição, a formulação e a circulação; 2. Do ponto de vista discursivo, há indissociabilidade (cf. M. Pêcheux, 1997), entre ciência, tecnologia e administração (governo); e 3. o discurso de divulgação científica desloca o processo do conhecimento científico para a informação científica. Notícia a produção científica. (ORLANDI, 2001a: 150).

Ciência e tecnologia estão hoje na mídia num volume bem maior do que há algumas décadas. A mídia, não só impressa como televisiva, vem desenvolvendo programas, reportagens e editoriais cada vez mais especializadas no ramo. De acordo com Louis Berlinguet (*apud* VOGT, *on-line*, 2003), “hoje, quer queiramos ou não, estamos envolvidos em nosso cotidiano pela ciência e pela tecnologia”. Envolvimento que acontece de forma cada vez mais rápida. Entretanto, não se sabe se tal rapidez contribui para obtenção de maior conhecimento ou informação para os que lêem ciência através da mídia³.

A contribuição da mídia para a formação do imaginário social é muito forte; Gregolin (2003: 97) diz que “as pessoas esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro”, sob a égide da mídia. Principalmente a televisiva (que é a que mais atinge a sociedade), acrescentaria.

O discurso midiático adota um discurso de sedução. O envolvimento construído para seduzir o leitor/ouvinte aliado à espetacularização das notícias e reportagens é a base para a propagação e para a soberania (e conseqüentemente, acredito, simulacro da verdade) do discurso midiático na sociedade.

Sobre esta espetacularização, Debord (2001)⁴ adota um posicionamento interessante ao afirmar que o espetáculo constrói um tipo de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e as pessoas consomem, sem resistência (e até inconscientemente), as imagens de tudo o que lhes falta na vida real. A realidade “torna-se” uma imagem e vice-versa. Segundo ele, as pessoas passam a acreditar em tudo o que a mídia veicula, pois é esta a pseudo-vida que se lhes apresenta. Como conseqüência dessa espetacularização, que se esconde sob uma máscara de democracia, há um poder que falsifica tudo. Nas palavras de Debord (2003):

É ao mesmo tempo o verdadeiro que deixou de existir quase por todo o lado ou, no melhor caso, viu-se reduzido ao estado de uma hipótese que nunca pode ser demonstrada. O falso sem réplica acabou por fazer desaparecer a opinião pública, que de início se encontrava incapaz de se fazer ouvir; depois, rapidamente em seguida, de somente se formar. Isto acarreta, evidentemente, importantes conseqüências na política, nas ciências aplicadas, na justiça, no conhecimento artístico. (DEBORD, 2003: 14, grifo meu).

² Revista SAÚDE.

³ Penso num estudo posterior para analisar a recepção do DDC.

⁴ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Versão para MSReader por Ciberfil Literatura Digital, 2001 Disponível em <<http://www.ciberfil.org>> Acesso em 25 de junho de 2005.

Há, nesta linha, uma forte crítica não só aos meios de comunicação de massa (televisão, principalmente), mas a toda uma forma de construir simulacros/verdades da sociedade. Esses simulacros, contudo, têm senhores, pois “é preciso não esquecer que todo o mediático⁵, por salário e por outras recompensas ou gorjetas, tem sempre um senhor, às vezes vários, e que todo o mediático se sabe substituível”. (DEBORD, 2003: 18).

É por causa desta eventual substituição que a mídia conforma-se à vontade de um senhor, seja ele público, seja ele privado. Percebo, então, que isenção e neutralidade não são mais do que meros simulacros/construção de verdades que grande parte da sociedade consome sem sequer pensar em questionar. Sobre este comportamento irrefletido, Debord (2003) argumenta que:

O fluxo de imagens domina tudo, e é igualmente qualquer outro que governa a seu gosto este resumo simplificado do mundo sensível que escolhe aonde irá esta corrente, e também o ritmo daquilo que deverá manifestar-se nela, como perpétua surpresa arbitrária, não deixando nenhum tempo para a reflexão, e em absoluto, independentemente do que o espectador possa compreender ou pensar. Nesta experiência concreta da submissão permanente, encontra-se a raiz psicológica da adesão tão generalizada àquilo que lá está que vem a reconhecer-lhe *ipso facto* um valor suficiente. (DEBORD, 2003:29-30).

Também a linguagem que se usa é a linguagem que o *espetáculo* autoriza e dissemina. Segundo Debord (2003), a pessoa que já está submetida às normas espetaculares “seguirá no essencial a linguagem do espetáculo, porque é a única que lhe é familiar: aquela em que lhe ensinaram a falar” (DEBORD, 2003:33). O autor argumenta, ainda, que existem os que desejam mostrarem-se inimigos da sua retórica, mas, inevitavelmente acabam empregando a sua sintaxe (infelizmente, muitas vezes, estou impregnada dela) e este comportamento já dá indícios do êxito da dominação espetacular, porque ao tentar mostrar-se inimigo da retórica da mídia, (e, portanto, *controlando por sua vontade*) o entendimento sobre se o que está sendo veiculado é “bom ou ruim”, o sujeito, sem perceber, emprega sua sintaxe, quer dizer, ao mesmo tempo em que ele combate e diz ser necessário combater os *excessos* da mídia, não se dá conta de que já está impregnado pelo dizer dela.

É justamente sobre essa *estranha familiaridade* (PÊCHEUX, 1997b: 155) que acredito ser importante refletir, tentando compreender como os sentidos do DC significam no DDC; como a linguagem se constrói no fio do discurso em relação aos sentidos presentes na memória discursiva e como a espetacularização atravessa todo este processo.

Para o estudo, selecionei uma reportagem intitulada *Fé e atitudes positivas podem curar, acredite!* (SAÚDE, novembro de 2003, p. 32-39). A revista SAÚDE foi criada em outubro de 1983 e está há vinte e três anos em circulação. A escolha dela e não de outras com características semelhantes como Superinteressante, Ciência Hoje, Revista da Fapesp, Boa Forma, por exemplo, se justifica pela maneira como ela vem organizando seu discurso. Esta organização demonstra uma apresentação de textos cada vez mais curtos, incorporação de uma grande quantidade de infográficos, esquemas e tabelas, alta incidência de linguagem espetacularizada e metafórica⁶, o que indica, a meu ver, uma excessiva facilitação/didatização⁷ deste tipo de discurso (ou somente uma forma de noticiar a ciência).

A revista em estudo foi pioneira na abordagem de assuntos próprios/oriundos do discurso científico, principalmente os de nutrição, prevenção de doenças, hábitos saudáveis, tratamentos médicos de ponta etc. Em comparação, por exemplo, com as revistas Superinteressante e Ciência Hoje⁸ que apresentam temas variados, tanto da área de ciências humanas, quanto exatas e biológicas englobando desde a psicologia, moda, biologia, história, matemática etc., o enfoque das matérias da revista SAÚDE recai sobre a qualidade de vida, tanto que nas divisões dos títulos de revistas do *site* da Editora Abril, ela aparece sob a rubrica do núcleo de Bem-estar. Há várias seções que são integrantes e recorrentes nas edições desta revista, como: A palavra-chave é..., Sempre quis saber, Gôndola, Nesta edição, Que fim levou, entre outras. Ela apresenta também um grande número de fotografias, infográficos, tabelas e esquemas que funcionam como informação visual⁹.

⁵ A tradução, para o livro de Debord (2001), nota n.º 4, traz a palavra “mediático”, grafada com e.

⁶ Conforme as análises que realizo neste trabalho.

⁷ Nesta direção, a revista poderia ser comparada a um livro didático que reduz as possibilidades de construção crítica e reflexiva do conhecimento.

⁸ Há ainda as revistas Ciência Hoje e Ciência Hoje das Crianças (esta destinada à divulgação científica para leitores mirins), ambas produzidas pela SBPC.

⁹ Não me deterei na análise das imagens, somente em seus enunciados lingüísticos.

O critério utilizado para a seleção dos enunciados aqui analisados pautou-se pela observação, em primeiro lugar, das regularidades discursivas que constituíam formulações aproximadas da do discurso científico, porém com textualização permeada por coerções advindas do discurso midiático (verbos/linguagem apelativas, formato publicitário), em segundo lugar, pela observação da quantidade de metáforas (no sentido de Pêcheux, 1997a) existentes nos textos. Assim, posso dizer que os enunciados foram recortados com base em dois princípios organizadores da formulação deste discurso: a espetacularização e a metaforização da linguagem.

2. Divulgação científica: lâmina de muitos gumes

[...] *Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade.

A epígrafe citada pertence ao poema *Verdade* de Drummond (1998:41) e diz muito do que compreendo sobre a verdade e sobre o conhecimento (o que, tenho certeza, nem é muito e nem sei mesmo se é), principalmente da posição que venho organizando este estudo. Relacionando-a ao título deste capítulo, poderia afirmar que foi nessa formação discursiva (discurso poético-social de Drummond) que selecionei os dizeres formulados na metáfora *lâmina de muitos gumes*. E é assim que imagino a divulgação científica, uma lâmina que refletida ao sol, a exemplo de um caleidoscópio, de um arco-íris, esplende uma quantidade de cores inimagináveis, tênues, mas que certamente chamam a atenção de quem as contempla por seu brilho, sua propagação, com mil prismas, mil sentidos, em seu funcionamento.

Considero, portanto, o conceito divulgação científica como uma lâmina de muitos gumes pelos vários conceitos vinculados a ele: jornalismo científico, vulgarização científica, disseminação científica e o próprio metatermo divulgação científica. Kreinz (*online*, 2000), em Teoria e Conceito de Divulgação Científica adianta que “há problemas não resolvidos, definições conflitantes” quando o assunto é definir ou sistematizar teoricamente o conceito de divulgação científica.

Segundo a literatura corrente da área, a divulgação científica presta-se a divulgar assuntos produzidos por C&T (Ciência e Tecnologia). É realizada por jornalistas, através do Jornalismo Científico¹⁰, ou também pelos próprios cientistas (difusão científica). Considero que um de seus objetivos seria o de tentar minimizar o grau de analfabetismo científico existente entre a população e conseqüentemente buscar a promoção de cultura científica para a sociedade, dita leiga, em assuntos científicos. Pelo menos, a priori, este seria o objetivo fundamental desta atividade. No entanto, percebe-se que outros propósitos acabam atravessando esta prática, principalmente considerando os aspectos capitalistas (venda de revistas, produtos, serviços, etc.) já mencionados.

Há uma relação indissociável entre alfabetização e cultura científicas. A primeira seria, numa aproximação com a pedagogia¹¹, o grau mínimo de conhecimento e habilidade que uma pessoa demonstra sobre assuntos de ciência. Já a cultura científica seria a ampliação, o entendimento mais consistente e a sistematização deste conhecimento por parte do sujeito, desencadeando questionamento crítico constante sobre os assuntos de C&T e que redundaria em melhoria das condições de vida das pessoas, via ciência.

¹⁰ Atividade desenvolvida especificamente por jornalistas; especialidade do jornalismo que tem como objetivo produzir e divulgar informações sobre C&T através de diferentes mídias.

¹¹ Pedagogia aqui entendida num sentido muito amplo que engloba as questões referentes ao processo ensino-aprendizagem (leitura, escrita, cálculo etc.) para a formação inicial do ser humano e que remete ao entendimento de alfabetização como a aquisição de um grau mínimo de entendimento sobre determinado assunto.

Sobre alfabetização e cultura científicas¹², Vogt (*online*, 2003) afirma que a expressão cultura científica é mais adequada do que divulgação científica para referir-se à “inserção no dia-a-dia de nossa sociedade dos temas da ciência e da tecnologia”, e acrescenta:

Melhor do que alfabetização científica (tradução para scientific literacy), popularização/vulgarização da ciência (tradução para popularisation/vulgarisation de la science), percepção/compreensão pública da ciência (tradução para public understanding/awareness of science) a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda, em seu campo de significações, a idéia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história. (VOGT, *online*, 2003)

Nesta reflexão, considero que muito mais do que informar ciência, a divulgação promoveria a ampliação/desenvolvimento da cultura científica. Decerto não é fácil. Principalmente num País em que a desigualdade social é regra e nem mesmo as condições básicas de sobrevivência da maioria das pessoas estão supridas. Contudo, não é só no Brasil que há analfabetismo científico, segundo Castelfranchi (*online*, 2003) há um paradoxo nessas questões, pois:

[...] os Estados Unidos estão entre os países com pior nível de alfabetização científica, e é também um dos lugares onde as pessoas têm maior confiança em relação à ciência e suas aplicações. Na Europa, foi mostrado que os melhores níveis de conhecimento científico se tornam às vezes sinônimo de um maior nível de atenção crítica e preocupação em relação a alguns setores da ciência contemporânea. (CASTELFRANCHI, *online*, 2003).

Para Authier-Revuz (1998:107) “a divulgação científica é classicamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita”. Esta autora entende o conceito de divulgação científica em consonância com a relação entre DC e DJ, pois a utilização da palavra disseminação aponta para o significado de propagar, espalhar, difundir e explica que é em direção ao exterior. Poderia tomar este exterior como exterior à academia¹³ e, portanto, em direção ao público não especializado, não familiarizado com o discurso (metalinguagem, terminologia)¹⁴, convencionalmente codificado, em circulação. A autora concebe este discurso em termos de **tradução** de um discurso (DC) para o outro (DJ)¹⁵. Contudo, o que ela aponta com mais vigor é seu caráter de reformulação, uma vez que:

[...] mais que ao “tradutor”, que, se conhece duas línguas, não fala mais do que uma no texto que produz, pode aproximar o divulgador de intérprete, aquele que fala efetivamente e alternadamente as duas línguas quando cumpre seu ofício de efetivar a comunicação. Disto restando uma analogia um tanto insatisfatória, já que, e é essencial lembrarmos, mesmo que seja um truísmo, o discurso da D.C. é realizado em uma só língua. (AUTHIER-REVUZ, 1998:127)

Sobre isto, Orlandi (2001a) também se posiciona:

Essa articulação, diferentemente do que tem sido dito (cf. Authier-Revuz, 1998), que a considera como tradução, é para mim um jogo complexo de interpretação. Não se trata para mim de tradução, pois a divulgação científica é relação estabelecida entre duas formas de

¹² Utilizo aqui alfabetização e cultura científicas baseadas em Vogt (2003) e num grupo de estudiosos da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da USP-SP. Iniciei algumas leituras sobre *Literacia* ou *Letramento* que apresentam uma visão muito mais abrangente sobre o tema, contudo tais leituras ainda estão incipientes para uma apresentação mais detalhada neste trabalho.

¹³ Academia entendida como espaço de circulação de saberes construídos por pesquisadores reconhecidos pela comunidade acadêmica (no interior desta academia).

¹⁴ Orlandi (2001a) afirma que “no caso da divulgação científica, há uma representação do leitor no texto pela acentuação do aspecto técnico do discurso”, este aspecto técnico, que no discurso científico se mostra através de uma metalinguagem específica, no DDC é realizado em forma de terminologia que permite que a ciência circule que se entre assim em um “processo de transmissão”. (ORLANDI, 2001a: 159)

¹⁵ Em nota de rodapé, a autora faz ressalvas e explica a utilização do termo tradução, reconhecendo que a tradução se faz entre línguas diferentes, mas que foi o termo que melhor lhe ocorreu.

discurso – o científico e o jornalístico – na mesma língua e não entre duas línguas. O jornalista lê em um discurso e diz em outro. Ou seja, há um duplo movimento de interpretação [...] O discurso de divulgação científica é textualização jornalística do discurso científico. (ORLANDI, 2001: 23)

As reflexões, tanto de Orlandi (2001a) quanto de Authier-Revuz (1998) apontam para a *dupla estrutura enunciativa* que funciona no DDC e que, de acordo com a segunda autora, “abre-se lugar para uma *configuração de papéis*, que ‘representa’ a mediação: uma estrutura de três lugares com duas extremidades ‘A Ciência’ e ‘o público leitor’, e, no meio, o divulgador”. Assim, cabe ao divulgador ser a *ponte* de acesso entre a ciência (cujo discurso é inapreensível) e o público (que só compreende tal discurso se reformulado/textualizado em termos mais simples).

Para uma melhor compreensão sobre o conceito de divulgação científica, Kreinz (2000) optou por fazer uma depuração crítica para compor um quadro teórico referencial que sistematizasse as indagações sobre divulgação científica. A estudiosa afirma:

Pode-se, nesta ótica, arrolar diferentes expressões terminológicas para o ato de divulgar ciência, tais como “vulgarisation”, divulgação, ou mesmo a expressão jornalismo científico, traduzida de “scientific journalism” ou de “periodismo científico”, usadas nas literaturas da língua inglesa e espanhola, sabendo que têm sido utilizadas para definir um processo específico de circulação de comunicações especializadas, mas não definitivas e absolutas na verdade que enunciam. (KREINZ, *online*, 2000).

Há várias acepções para divulgação científica, entretanto, não é o aspecto conceitual ou terminológico que vai melhorar ou piorar o acesso e a compreensão da ciência pelas pessoas, mas sim um processo eficiente de alfabetização científica que inclui sua problematização e conseqüente ampliação da cultura científica na e para a sociedade.

Compreendo a alfabetização e a cultura científicas como aspectos indissociáveis e interdependentes para e na constituição do conhecimento. Quanto mais completo e eficiente for o processo de alfabetização científica, maior será o índice de cultura científica. Sobre estas questões é pertinente citar Hernando (2005) um estudioso espanhol da área de divulgação científica: “A cultura científica deveria fazer parte da cultura popular. Mas, na verdade, os que se preocupam com a ciência fazem parte de uma minoria. Somos uma minoria; quando formos maioria, mudaremos o mundo” (HERNANDO, 2005:19)

O referido autor diz ainda que, na Espanha, as universidades politécnicas também não preparam os alunos para divulgar seus conhecimentos para o grande público e acrescenta que esta preparação seria fundamental para promover a interação entre o público e os cientistas: “Tenho a impressão de que a divulgação da ciência é um dos grandes desafios do século XXI, pois se queremos realmente uma sociedade democrática, é preciso que todos entendam a ciência. Caso contrário, não alcançaremos a democracia cultural”. (HERNANDO, 2005: 19).

Para alcançar esta democracia cultural é necessário que, pelo menos, haja a contribuição e o empenho dos estudiosos para este fim. Refletir sobre o discurso da ciência textualizado pelo discurso midiático impresso provoca muitas hipóteses e provisórias conclusões. Porém, é sabido que para um aprofundamento sobre o tema e conseqüente instauração de ações mobilizadoras que regulem seu funcionamento, é mister problematizá-lo e também colocá-lo em destaque e urgência no cenário nacional.

3. Constituição/formulação/interdiscurso/intradiscurso: paráfrases em cena

*[...] Não sou digno, eu sei, de transcendência,
e há rios no atlas que fluem contra o oceano, voltam ao fio d'água, explicam-se pelo arrependimento.
Compreendo. São o avesso do rio.
Mas a vida não é o avesso da vida. É o avesso absoluto se tentamos codificá-la.[...]*

Carlos Drummond de Andrade

O conceito de interdiscurso é elementar para este processo de reflexão porque ele é utilizado no intuito de mostrar como os discursos se entrelaçam, se repetem, se interpelam enquanto materialidade discursiva. Para Gregolin (2003: 50) “o interdiscurso é uma região de encontros e de confrontos de sentidos”, assim, os textos aqui analisados e veiculados pela revista são vistos como “lugar” em que tais encontros e confrontos se dão. Tomo, para os objetivos deste estudo, a noção de interdiscurso complementada pela de memória

discursiva, isto é, aquela que constrói um percurso pela memória histórica (memória entendida aqui como não-psicológica), e sim presumida pelo “enunciado enquanto inscrito na história” (MAINGUENEAU, 1993).

Selecionei a reportagem *Fé e atitudes positivas podem curar, acredite!* (SAÚDE, novembro de 2003, p. 32-39) para poder refletir sobre os sentidos inscritos na memória discursiva/interdiscurso dos sujeitos. Desde o título, a matéria já empreende um percurso pela memória discursiva, um retorno ao saber religioso em relação ao saber popular, pois ao tomar o enunciado *fé e atitudes positivas*, percebem-se paráfrases da máxima bíblica: *a fé remove montanhas*, ou do ditado popular: *é preciso ter fé e pensamento positivo* face às adversidades da vida. Ambos enunciados encontram-se emaranhados no interdiscurso, remetendo a, pelo menos, duas formações discursivas¹⁶: a religiosa (dogmática, doutrinária) e a de senso comum (que pode ter sido atravessada pelo discurso da psicologia/atitude ou, ainda, cristalizada no discurso de auto-ajuda) até tornar-se um ditado popular. Nestas condições, o sujeito-jornalista instaura um efeito de projeção do “eu” leitor para angariar sua simpatia (ratificando o objetivo de mercado), apontando uma proximidade entre a temática abordada pela revista e a vida das pessoas. Esta estratégia (aproximação da temática com o cotidiano) é utilizada com o objetivo de venda de um maior número de exemplares da revista, pois não se deve esquecer de que, entre outros, o principal interesse da mídia é o lucro.

O texto é construído com muitos depoimentos de pessoas que passaram por dificuldades, tanto físicas quanto psíquicas e que com *fé e atitude positiva* conseguiram superar os obstáculos e reverter quadros complicadíssimos de doenças. Além do testemunho das pessoas “comuns”, os depoimentos trazem diversas vozes autorizadas (médicos, psicólogos, psiquiatras...) que legitimam as idéias arroladas pela reportagem.

A construção do texto obedece à seguinte seqüência:

→ depoimento da pessoa que teve a doença → comentário do sujeito-jornalista → citação de autoridade da comunidade científica¹⁷.

Vislumbra-se, através das citações realizadas, uma necessidade de reforço das idéias defendidas pelo sujeito-jornalista como forma de se construir um discurso fundamentado e, portanto, verdadeiro, digno de credibilidade. Há, evidentemente, uma tentativa de construção de uma imagem de responsabilidade, seriedade e idoneidade que a revista quer mostrar para seus leitores.

A reportagem dedica-se, nas primeiras páginas, a introduzir o assunto, que é organizado de acordo com o esquema jornalístico da pirâmide invertida¹⁸, bem diferente da organização do texto científico que primeiro descreve os procedimentos para depois dar os resultados. Nas demais páginas coexistem texto e imagens (fotografias) das pessoas que deram os depoimentos, bem como imagens de artefatos religiosos e gestos de meditação. Tais imagens também remetem ao interdiscurso, pois presentificam na memória do leitor ícones que já povoam o “universo discursivo” (MAINGUENEAU, 1993) há muito tempo.

Retomando Orlandi (2001a) acerca da constituição e formulação dos sentidos, há uma relação entre o interdiscurso e o processo de constituição dos sentidos e o intradiscurso e o processo de formulação do dizer. Assim, penso que a terminologia interdiscurso poderia ser utilizada como paráfrase de constituição de sentidos, enquanto intradiscurso seria a paráfrase de formulação do dizer. Orlandi (1996: 106) coloca, ainda, que há duas instâncias de constituição do discurso: o contexto de situação em sentido estrito (circunstância da enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico). Desta forma, há relação, também, entre interdiscurso e enunciado e intradiscurso e enunciação. Se analisarmos a expressão *corrente sanguínea* (uma das mais utilizadas no DDC) em nível de enunciação/formulação, percebemos que ela se constitui como uma

¹⁶ O conceito de Formação Discursiva pauta-se pela manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito (Courtine, 1994), funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Esta noção de FD deriva do conceito instaurado por Foucault (1972) que diz que sempre que se puder definir, entre certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva. Na AD este conceito é reformulado e aparece associado à noção de formação imaginária e ideologia.

¹⁷ É freqüente no DDC, através do discurso relatado, seja em discurso direto ou discurso indireto, a remissão a uma voz autorizada. Suponho, pelo menos, dois motivos para este acontecimento: o primeiro para instaurar um efeito de objetividade, pois foi um especialista (ser empírico, formado pela universidade e legitimado pela sociedade, com nome e endereço) quem apresenta a idéia ou conceito, o segundo, decorrente do primeiro, para promover um efeito de neutralidade: quem disse foi o especialista, portanto a revista não se responsabiliza pelo dizer, somente faz sua função de retratar a realidade, de registrar e informar o fato de maneira isenta.

¹⁸ Pirâmide invertida é uma técnica jornalística que consiste em apresentar os resultados ou fatos mais importantes para a empresa jornalística em primeiro lugar, para secundariamente detalhar a ação e explicar os procedimentos utilizados.

metáfora morta¹⁹, principalmente no discurso da medicina e da biologia. Entretanto, a expressão aponta para o balanço, as ondulações do rio ou do mar construindo uma imagem que remete também à noção de volume e força da água e promove, por relação interdiscursiva (enunciado/constituição), a instauração do efeito de sentido de que o sangue, por apresentar um notável volume dentro do corpo humano, também corre nas veias através da correnteza. Esta ocorrência aponta para a noção de vitalidade que vem atrelada à força do corpo humano. Lembra, também, as expressões “corrente de fé” e “não quebre essa corrente”, instaurando efeitos de ligação, aliança e, portanto, fortaleza. A palavra corrente (de correnteza, força) evoca, já em sua formulação (intradiscurso), as imagens e sentidos *esquecidos* e ressignificados no interdiscurso.

Para efeito de análise intradiscursiva, o estudo sobre a metáfora oferece pistas para se compreender melhor as questões levantadas, pois os efeitos de sentido se materializam através da análise das marcas lingüísticas que o sujeito, enquanto autor, deixa no fio do discurso, seja conscientemente: organizando, selecionando, agrupando (FOUCAULT, 1996) as idéias e conceitos, seja inconscientemente, numa remissão a um já-dito, a uma memória discursiva que é dispersa, contudo significativa quando organizada para determinado fim.

4. Metáfora e discurso: reminiscências e desafios

[...] Deixe a **meta** do poeta, não discuta,
Deixe a sua **meta** fora da disputa,
Meta dentro e fora, **lata** absoluta,
Deixe-a simplesmente metáfora.

Gilberto Gil

Os termos metafóricos vêm sendo investigados, desde a época de Aristóteles²⁰, quando eram mais conhecidos como figuras de pensamento. Segundo Gurgel & Vereza (1996):

[...] a metáfora, como todas as outras figuras, seria um recurso lingüístico com motivação fundamentalmente poética ou retórica. A partir do uso de um determinado tropo, um sentido literal seria ‘desviado’ através de palavras, imagens, frases ou expressões para que um determinado significado fosse alcançado. (GURGEL & VEREZA, 1996:02)

Em seu livro *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*, Coracini (1991) num estudo realizado sobre os relatos científicos primários, num capítulo destinado à abordagem da metáfora, descreve várias teorias que remontam a Aristóteles apontando suas limitações. Inicialmente ela destaca o método comparatista ou de substituição que se limita a descrever a metáfora com “ideais de objetividade e rigor formal” (p. 136), apontando para a dicotomia literal/figurado e para o preenchimento de lacunas semânticas por não haver termos adequados a uma nova situação.

Em seguida, a autora explica o método interativo que supõe “uma semântica subjetiva que extrapola o âmbito puramente lingüístico e busca compreender as origens do fenômeno metafórico nos seres (enunciador, enunciatário, ideologia cultural subjacente)” (idem p.136), e conclui que, enquanto no modelo comparatista ou de substituição há uma tendência ao estruturalismo, ao formal, no modelo interativo há uma tendência em se buscar no limite textual as escolhas feitas pelo locutor culminando numa abordagem interativa.

A partir dos estudos de Lakoff & Johnson (2002)²¹, a metáfora deixou de ser vista como figura de pensamento ou recurso poético e passou a explicar questões que se relacionam com a estrutura linguagem/pensamento. Estes pesquisadores criaram a metáfora conceitual e suas variantes: metáfora orientacional, metáfora ontológica, metáfora “container”, que hoje se constitui como base teórica para as análises de muitos estudiosos. Nesta visão, a metáfora funciona desencadeando uma superposição de uma

¹⁹ Metáforas mortas, segundo Lakoff & Johnson (2002) são aquelas que, pelo excesso de uso, incorporam o sentido “literal” (que é o que tento desconstruir aqui) e quase que imperceptivelmente. Por exemplo: *boca da garrafa*.

²⁰ É imprescindível ressaltar, ainda, a importância dos estudos aristotélicos para os dias de hoje.

²¹ Lakoff & Johnson (2002) adotam uma posição filosófica centrada na essência imutável do ser, no sujeito psicologizante (noção que a AD não reconhece). No entanto, apresentam alguns deslocamentos que podemos aproveitar como: quase tudo o que dizemos é metafórico, portanto não há o literal; esta noção (da negação da literalidade) se aproxima de algumas idéias da AD como a opacidade da linguagem e a não-evidência do sentido.

determinada área ou domínio conceitual sobre uma outra, por desempenho cognitivo do indivíduo que estabelece relações entre seu próprio corpo e os conceitos metafóricos que elabora.

Coracini (1991) também aborda o método conceitual e acrescenta reflexões críticas acerca dele. Na interpretação que a autora faz da teoria desenvolvida pelos estudiosos Lakoff & Johnson (2002), este método se caracteriza por apresentar a metáfora como: a) um procedimento de raciocínio, pois o sistema conceitual ordinário (pensamento e ação) é metafórico por natureza; b) preexistente à expressão lingüística; c) as metáforas lingüísticas só existem porque há metáforas no sistema conceitual humano.

Para a estudiosa (1991), contudo, as expressões metafóricas não funcionam somente centradas no ser humano, no indivíduo que a controla por sua vontade, mas sim se constituem no processo sócio-histórico da humanidade, incluindo também aspectos culturais e não somente cognitivos, pois “[...] os conceitos metafóricos estão de tal modo arraigados a nossa cultura que estruturam nossas atividades diárias e científicas de modo imperceptível e inconsciente, são, aliás, constitutivas da forma de pensar e agir de uma época”. (CORACINI, 1991:137).

Portanto, diferentemente das considerações arroladas por Lakoff & Johnson (2002) sobre a idéia de que a metáfora funciona, na linguagem, sempre em relação ao conhecimento do indivíduo (conforme proposta do método conceitual), concordo com Coracini (1991) que a entende constitutivamente em relação à exterioridade, o que me conduz, inevitavelmente, a pensá-la como efeito de sentido (PÊCHEUX, 1997a) instaurado pela posição (social, cultural, histórica) do sujeito enquanto enuncia, e mais ainda, sempre relacionada à ideologia, à memória discursiva, à rede de sentidos tecida pelo interdiscurso.

Num enunciado como: *o poder de fogo das células de defesa cai por terra, num efeito dominó* (SAÚDE, novembro de 2003, p. 32-39); *poder de fogo* coloca o corpo humano relacionado a um campo de batalhas. Há toda uma remissão a elementos próprios da guerra, luta e resistência que adiantam e apontam os sentidos a serem instaurados na leitura, ou seja, as células humanas travam uma luta em seu território (o corpo), nesta luta existem as que atacam, as que defendem, as fortes, as fracas... É uma ação bélica que acontece no corpo enquanto ele luta para manter-se saudável. Os vírus e bactérias, por exemplo, pertencem ao exército inimigo, as enzimas podem ser as heroínas... os órgãos vitais são constantemente bombardeados...então são os alvos, os Q.G. (quartéis gerais) do corpo humano. Ao propor uma maneira sócio-histórica de compreender a metáfora, ao relacioná-la ao interdiscurso e às formações discursivas, promove-se uma ressignificação do conceito de corpo humano numa remissão às imagens de guerra, constantemente presentificadas pela mídia (conseqüentemente em forma de espetáculo, conforme já abordado neste trabalho). O que se percebe, também, é que ao instaurar um discurso bélico tão intenso, fruto de uma cultura ocidental que valoriza o *ataque ao inimigo*, promove-se um apagamento do discurso de prevenção, cultuado pela filosofia oriental, que busca o equilíbrio corporal através da disciplina alimentar e espiritual, como formas de prevenir as doenças. E é o jogo metafórico que apaga tal discurso, conseqüentemente, por causa da espetacularização do discurso guerreiro.

Ao analisar a seqüência deste mesmo enunciado, a expressão *cai por terra, num efeito dominó* provoca no leitor a imagem de um grande tabuleiro de xadrez, principalmente no momento do xeque-mate, ou ainda, quando da brincadeira com as peças do dominó em que, organizadas em fila próximas umas das outras, se empurra a primeira peça que, conseqüentemente, toca a segunda e progressivamente vão caindo uma atrás das outras as peças subseqüentes. Há, também, uma remissão a uma tomada de posição (hierarquização de poderes) que já vem preestabelecida: o rei do xadrez *cai por terra* no momento do xeque-mate. As peças do dominó também *caem por terra* e, tanto a formulação deste enunciado, quanto a do enunciado *efeito dominó* materializam a noção de que as células de defesa podem se tornar frágeis. São os saberes culturais, históricos e sociais que a metáfora evoca sobre as regras dos jogos de xadrez e de dominó que vão ressignificar o enunciado.

Nesta visada, a noção de metáfora como *transferência*, tal como proposta por Pêcheux (1997) e Orlandi (2001), é de capital importância, pois acredito que ela pode evocar imagens e conceitos inscritos na memória discursiva e remetê-las na forma de *discursos transversos* (PÊCHEUX, 1997a) ao interdiscurso. Orlandi (2001: 44) retomando Lacan (1966) define a metáfora “como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente ‘transferência’, o modo como as palavras significam”. Estabelece, a partir desta noção, “que não há sentido sem metáfora”, e engendra uma argumentação que busca em Pêcheux (1997) seu fundamento:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. Ainda segundo este autor, o sentido

existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. (ORLANDI, 2001b: 44)

Há a percepção, diante disto, que, de fato, a linguagem é permeada por metáforas ou efeitos metafóricos que são, muitas vezes, utilizados inconscientemente. Ademais, a metáfora concebida a partir deste deslocamento ressignifica as palavras para além da dicotomia literal/não-litera e amplia, consideravelmente, a concepção de linguagem e de sentido. De acordo com os autores, é através da *transferência* (metaphora) de sentidos de uma palavra que percebemos a não-evidência, a não-litera de desses sentidos. Estas suposições indicam que a construção do DDC (e segundo Coracini (1991), também a do discurso científico) é fortemente atravessada por esta não-litera, por esta não-evidência.

A noção de metáfora abrange, portanto, uma gama muito maior do que a mera construção de significados relacionados ao pensamento/cognição (conf. Lakoff & Johnson) e é mais abrangente, também, do que somente a remissão a determinadas FDs (conf. segunda fase da AD).

5. Considerações finais

Os efeitos metafóricos constituem um constante movimento de ir e vir para o exterior constitutivo da linguagem e os efeitos de sentido instaurados por este movimento desencadeiam, a meu ver, um entendimento mais contextualizado das informações científicas veiculadas pela reportagem da revista SAÚDE. Contudo, uma “facilitação” excessiva da linguagem científica pode produzir um silenciamento de fatores importantes do processo de pesquisa (a história da pesquisa, seus objetivos, suas metas para a produção de benefícios à humanidade) conduzindo a uma reprodução de saberes balizados apenas no senso comum, o que, inevitavelmente, contribui para a manutenção de um baixo índice de cultura científica da sociedade.

A constituição do interdiscurso, através dos entrelaçamentos de regiões de conhecimento cujas fronteiras se apresentam instáveis como a Religião, o Senso Comum e a Ciência, realiza uma conjunção de saberes e poderes que movem o mundo. Ao mesmo tempo, a idéia de guerra é insistente e positivada pela revista, pois instaura uma “necessidade cega²²” que é maximizada pela pulsão, própria ao homem, em ser sempre o melhor, o mais forte, o vencedor.

O senso comum muitas vezes se apresenta como uma região mais persistente e recorrente, seguida pela Religião e somente por último a Ciência. Segundo Padilla (2001):

Na prática, o analfabetismo científico se revela através da superstição e do misticismo, das condições sanitárias inadequadas, da falta de acesso a oportunidades de trabalho e crescimento profissional e por outro lado, pelo escasso aproveitamento que os governos fazem do conhecimento científico para a resolução de problemas produtivos e sociais e para a utilização dos recursos naturais através de esquemas de desenvolvimento sustentável (PADILLA, 2001, 113).

A divulgação da ciência, nesta perspectiva, deveria cumprir um papel muito mais abrangente. Constituiria e formularia discursos mais adequados ao público, mas não os banalizaria a ponto de subestimar a inteligência dos leitores, presentificando inadvertidamente o conhecimento científico. Teria, assim, como objetivo principal aproximar os assuntos da ciência aos do cotidiano das pessoas, descrevendo estes processos científicos que historicizam a *descoberta* científica para que a valorização e os benefícios da C&T se fizessem presentes na vida de todos.

²² Cega porque o sujeito consumidor não percebe o direcionamento que o manipula e atrai.

6. Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- CASTELFRANCHI, Yurij. *Imaginando uma paleontologia da cultura científica*. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura17.shtml>>. Acesso em 23/10/2004.
- CORACINI, Maria José R. *Um Fazer Persuasivo: O discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ; Campinas, SP: Pontes, 1991.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Versão para MSReader por Ciberfil Literatura Digital, 2001. Disponível em <<http://www.ciberfil.org>> Acesso em 25 de junho de 2005.
- DEBORD, Guy. *Comentários sobre A Sociedade do Espetáculo*. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em <<http://www.terravista.pt/IlhadoMel/1540>> Acesso em 25 de junho de 2005.
- DUARTE, Jorge. *Da Divulgação Científica à Comunicação*. Associação Brasileira de Jornalismo Científico. Disponível em <<http://www.abjc.org.br>> .Acesso em 13/08/2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo*. In GREGOLIN, Maria do Rosário (org.) *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.
- GURGEL, Maria Cristina Lírio e VEREZA, Solange Coelho. *O dragão da inflação contra o santo guerreiro: um estudo da metáfora conceitual*. Rio de Janeiro: INTERCÂMBIO, Vol. 5, 1996 (165 - 178)
- HERNANDO, M. Calvo. *Divulgação científica: um grande desafio para este século*. *Cienc. Cult.*[Online]. Apr./June 2005, vol.57, no.2, p.18-20. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200013&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0009-6725. Acesso em 13 de agosto de 2005.
- KREINZ, Glória. *Teoria e Conceito de Divulgação Científica*. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/núcleos/njr/tecno.htm>>. Acesso em 13/08/2005.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001a.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001b.
- PADILLA, Jorge. *Conceptos de museos y centros de ciencia interactivos. Educación para a ciência. Curso para treinamento em centros e museus de ciência*. IN: CRESTANA, Silverio et al (org). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2001, p. 113-14.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1997b.

SAÚDE. *Fé e atitudes positivas podem curar, acredite!* São Paulo: Editora Abril, novembro de 2003, p. 32-39.

VOGT, Carlos. *A Espiral da Cultura Científica*. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagem/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em 23/06/2004.